

## Canção de mim mesmo (*Song of Myself*)

Eu celebro a mim mesmo,  
E o que eu assumo você vai assumir,  
Pois cada átomo que pertence a mim pertence a você.

Vadio e convidado minha alma,  
Me deito e vadio à vontade.... Observando uma lâmina de grama do verão.

Casas e quartos se enchem de perfumes.... As estantes estão entulhadas de perfumes,  
Respiro o aroma eu mesmo, e gosto e o reconheço,  
Sua destilação poderia me intoxicar também, mas não deixo.

A atmosfera não é nenhum perfume.... Não tem gosto de destilação .... é inodoro,  
É p'ra minha boca apenas e p'ra sempre.... Estou apaixonado por ela,  
Vou até a margem junto à mata sem disfarces e pelado,  
Louco p'ra que ela faça contato comigo.

A fumaça de minha própria respiração,  
Ecos, ondulações, zonzuns e sussurros.... raiz de amaranto, fio de seda, forquilha e videira,  
Minha respiração minha inspiração.... a batida do meu coração.... Passagem de sangue e ar por meus pulmões,  
O aroma das folhas verdes e das folhas secas, da praia e das rochas marinhas de cores escuras, e do feno na tulha,  
O som das palavras bafejadas por minha voz.... Palavras disparadas nos redemoinhos do vento,  
Uns beijos de leve.... alguns agarros.... o afago dos braços,  
Jogo de luz e sombra nas árvores enquanto oscilam seus galhos sutis,  
Delícia de estar só ou no agito das ruas, ou pelos campos e encostas de colina,  
Sensação de bem-estar .... apito do meio-dia .... a canção de mim mesmo se erguendo da cama e cruzando com o sol.

[...]

Uma criança disse, *O que é a relva?* Trazendo um tufo em suas mãos;  
O que dizer a ela?.... Sei tanto quanto ela o que é a relva.

Vai ver é a bandeira do meu estado de espírito, tecida de uma substância de esperança verde.

Vai ver é o lenço do Senhor,  
Um presente perfumado e o lembrete derrubado por querer,

Com o nome do dono bordado num canto, p'ra que possamos ver e examinar, e dizer  
É seu ?

[...]

O blabláblá das ruas.... Rodas de carros e o baque das botas e papos dos pedestres,  
O ônibus pesado, o cobrador de polegar interrogativo, o tinir das ferraduras dos cavalos  
no chão de granito.  
O carnaval de trenós, o retinir de piadas berradas e guerras de bolas de neve ;  
Os gritos de urra aos preferidos do povo.... O tumulto da multidão furiosa,  
O ruflar das cortinas da liteira — dentro um doente a caminho do hospital,  
O confronto de inimigos, súbito insulto, socos e quedas,  
A multidão excitada — o policial e sua estrela apressado forçando passagem até o centro  
da multidão;  
As pedras impassíveis levando e devolvendo tantos ecos,  
As almas se movendo.... Será que são invisíveis enquanto o mínimo átomo é visível ?  
Que gemidos de glutões ou famintos que esmorecem e desmaiam de insolação ou de  
surto,  
Que gritos de grávidas pegas de surpresa, correndo p'ra casa p'ra parir.  
Que fala sepulta e viva vibra sempre aqui.... quantos uivos reprimidos pelo decoro,  
Prisões de criminosos, truques, propostas indecentes, consentimentos, rejeições de lábios  
convexos.  
Estou atento a tudo e as suas ressonâncias.... Estou sempre chegando.

[...]

Sou o poeta do corpo.  
E sou o poeta da alma.  
[...]

WHITMAN, Walt. *Folhas de relva*: a primeira edição. Trad. Rodrigo Garcia Lopes. São  
Paulo: Iluminuras, 2005.